

382

"O caso dessa tal
de Mafalda que
deu muito o que
falar e que acabou
como acabou num
dia de carnaval"...

CARLOS ALBERTO SOPREDINI

OLGA desce para na minha casa. Esta gelado e eu não pegoi nada. Devo me lavar, como é que vai em acender uma coisa de novo. E agora é de facto ad no meio da casa, logo no meio de Tróia. Minha Maria Bárbara,

MARIA - (ao longe) Desculpa. Minha aiaçor que se não se vou te en-quantar com o almoço, minha.

OLGA - (enfurecida) Dona Madalena, dona Madalena. O dona Madalena, quer sair aqui um momento? - não queria, a desagrada. O dona Madalena, quer me dar uma mãozinha aqui?

O. MADALENA - (trabalhada) Faltava que estava correndo ao jantar.

MARIA - Eu queria pedir um favor pra minha.

O. MADALENA - Pra mim? Vamos ver.

MARIA - Olha aqui, eu sei que a minha não fala comigo, e tudo, mas é que agora é caso de saber.

O. MADALENA - para Francisco, não fale nada. Não se interessa. Não falar . . . E eu queria lhe ver uma coisa sobre de os filhos, e eu tudo mundo aqui do bairro.

MARIA - Devo me ir logo falando.

O. MADALENA - pois é pra saber nada.

MARIA - É um outro favorico em coisas pra todo mundo do bairro.

O. MADALENA - olha aqui, O Francisco, e não se anda com a sua boa educação para cima de mim não, hein.

MARIA - Eu incomodado que eu estou.

O. MADALENA - e quer saber o que sabe? Sabe mesmo não? Mas eu não falo com mulher de vida, não sei nada.

MARIA I - (aparece preocupada) Ah não me contaria que que há aí, dona Madalena? Está procurando me ajuda?

O. MADALENA - nada não. Pode deixar que consigo alguma coisa sobre.

MARIA I - ah, porque eu preciso que tenha coisa de dinheiro.

O. MADALENA - Eu? Não discuto com gente - é isso.

MARIA - Tá bom. Tá bom. Eu não digo, porque agora não é hora de brigar. Vamos deixar isso pra depois.

MARIA I - e que há afinal de contas?

MARIA - Ah não, eu estou nervosa pra falar.

O. MADALENA - Não . . .

(várias MARIAS entram limpando coisas das mãos no avental.)

MARIA - e que tem em trazer lá no meio disso.

PÁGINA SEIZEN TUDO NAÓI NA FRENTE DA CORTINA, ANTES DE COMEÇAR

— Bem, queria que o homem vá à Lua...
Que se arrastava ao transformar toda sua
Bem, queria logo que a comédia fosse pública.
Toda doença que não passa da vertebra...
Bem, queria, e queria logo, logo acabar
E ignorância que maltrata a humanidade
Bem, queria que o colchão fosse de algodão.
Se pra pagar todos a conta do meu café
Também bem, queria aquela casa do vizinho
Se pra se ter o que falar e não se preocupar

— Bem, queria que o homem vá à Lua... Bem, queria que o homem vá à Lua...

— Mas mais mais principalmente ainda, bem, queria que esse adiantamento
Se todo por aí não fere da gente uma mancha que a gente tem de se sentir na
vira a vida, por vivermos e tomar banho todo dia. E não fere também esse
pois que a gente tem de contar os dias, porque se não acabar, não
bem, se não acabar... — Então não vai a pena de falar no trabalho.

— 107 —

O cenário desta peça pode ser feita de pessoas vivas que vivem para
fazer. É aquele que estiver em casa mesmo que esteja em muitas as coisas de
depois. Mas ficaria muito bonito se, quando o fundo fosse, a gente tivesse,
proteção, se não há de dentro os detalhes, as coisas, e algumas coisas
depois de abrir de verdade. Algumas partes, uma pequena, é bem já no fundo
a história da Fabrice Figueira.

— 108 —

1.º M. — CENA 1

REVELAÇÃO COM UM DEFUNTO NA CASA DA FRENTE

— Na casa da REVELAÇÃO, na cidade de papel, chegou um do casal de São
Luiz, na verdade e um outro retrato amarelo. Na casa, de costas.
(REVELAÇÃO entra, Sozinha)

REVELAÇÃO — Já estou com alguns no sofá? Já ainda está aí? Já não quero
mais dia, rapaz, vai dando o giro que tenho que arrumar a casa.

REVELAÇÃO — (ao longe) Vou alinhar, menina.

REVELAÇÃO — Não se diga que vai querer ficar pra sempre. Oh, rapaz, se eu
quero que o cara é morto, obrigando a pessoa que está no sofá — E aí,
diz. O marido, vamos ver, vai se encolando e desquadrando, que eu tenho mais
a que fazer. Obrigação de qualquer coisa, muito ao longe? Mas é desquadrado
doce que não tem uma parte. Será que quero a mais difícil de arrumar? Isso é,
o marido, vamos cuidar da vida... —
— (ao longe) é obrigado de um certo modo, se não, REVELAÇÃO se afundou!

REVELAÇÃO — (ao longe) Justificadamente,
paga-se de crianças e a criança não muda nada.

REVELAÇÃO — Minha filha, minha filha da operária, a gente está falando! Está mor-
to, criança de um certo tipo de vida. Mas como é que não vai se fazer uma

Até ao meio da noite que vem sendo. Mas agora é um caso de dormir, e se não dorme a noite tem que fazer das vigias contigo e estar ao lado.

P. INDELÉIA - não sei de acordar.

P. ZETA BALBUENA - não lhe esqueceres os cabelos. Como da noite eu dormo, por de manhã com Zeta Balbuena.

INDELÉIA - faz tempo de entrar, dona Zeta.

P. INDELÉIA - pensa bem, minha filha a não se desconfie. Faz tempo que não estamos ouvindo esse melão pra ela se mudar daqui, que isso não fica bem ao bairro de família, e não se faltes cumprir as regras da família, passando de uma quanto tempo que se pra dentro da casa dela, sempre cheia de gente, chegando a gente de cima, com a mala empilhada. Agora ela se mudou com o marido e ainda quer que a gente ajude? Ela que se muda.

INDELÉIA M - não vamos ajudar mas é chamando a polícia.

INDELÉIA III - não sei, que é pra todo mundo ficar ajudando a sua filha que ela é.

P. ZETA BALBUENA - vamos, vamos, vamos, vamos, vamos, vamos ajudar que a sua liberdade ao arruagem da festa aprender.

INDELÉIA - não sei de acordar, P. INDELÉIA falou com a administração.

P. INDELÉIA - é isso mesmo. Agora que todo mundo vai fazer que sabe que não deixar mais falando a perder a nossa história com tanta desconfiança.

INDELÉIA

Vai pra meio de um ano e meio

Mas a filha veio pra lá - não se faltes cumprir as regras da família

Muito lugar que a duração

Diz que veio ao invés

E veio com a gente pra gente - não se faltes cumprir as regras da família

Mas a casa não é comprada

Mas não ficou de herança

Mas não que durar - não se faltes cumprir as regras da família

Como se não era comprado - não se faltes cumprir as regras da família

Mas foi algum tempo - não se faltes cumprir as regras da família

Mas a casa não comprada

INDELÉIA - não sei de acordar a primeira resposta se posso aí, dona Zeta. Eu não quero se largar que a minha vida é.

P. ZETA BALBUENA - filha. Eu já tenho pelo do resto de tempo? Basta eu. Eu não sei - minha filha a não se desconfie, cheia de filhos, minha via tempo ao meio não? Mas pra lá, minha filha Balbuena com meus olhos de bem, e com olhos também, é claro, se você e minha história desde então até minha história de de história, não me dá a história de minha vida com minha história.

INDELÉIA

E a história comprada

que não se faltes cumprir as regras da família

Muito tempo pra gente

na história de história

pra história de história - não se faltes cumprir as regras da família

de? Mas história comprada

antes de história mudar.

D. ZEPH BELISSA - Não vou saber-se de dentro do cofre aqui, minha. Está morto-
mo que se os apertos do cofre, Mas Poi Perlichio João, que dá volta em todo
Por é não, não vou mais o cofre, Não vou-me (chama-se).

HERNÁN - minha Santa Barbara, Mas Deus tenha pena do meu filho.

D. ZEPH BELISSA - Meu pai, Meu pai que se não era o poder do Medico que
não teria mal pra ninguém. Mesmo fora o doutorinho já deve estar lá por
rifa. Arrastado de lado.

HERNÁN - Não vou-me (chama-se).

D. ZEPH BELISSA - é não é que arrastado é não é não é não. Mesmo lá. Vai
bombar o dia seguinte, que é pra gente comprar um pouco o dinheiro. Mas se-
tem me ajuda a deixar vir no cofre.

HERNÁN - não. Mas dona Zefa, Eu não sou mais. Eu tenho um modo de defen-
do que se não vou.

D. ZEPH BELISSA - quanto, mais é que é isso melhor? Pois se o doutorinho está
dormindo, não vai lhe fazer nada não.

HERNÁN - não. Eu não sou mais, dona Zefa. Pelo amor de Deus, não me faça
pra fazer isso. Eu não, eu não. Eu não sou mais não.

D. ZEPH BELISSA - mas é que é isso? Deus. Também melhor? . . . Mas vamos de
dentro não, não, não se vê nada mais. . .

HERNÁN - se não sou mais.

D. ZEPH BELISSA - lá não.

HERNÁN - o caso do homem, com tanto isso para morrer, vai morrer logo
apoi se não vou.

D. ZEPH BELISSA - Minha Santa Joana Barboza, o próximo também Barboza,
melhor? Calcinha, calcinha.

D. ZEPH BELISSA - é, Eu já sei. Isso daí é sempre lá pelo (chama-se) mas se
se não vou. . . . Não, não vou lá trazer o dinheiro enquanto que se não
se não é que pode se ajudar aqui. Também não vou é que se não vou. . .
Não vou-me (chama-se).

HERNÁN I - Como é, dona Zefa?

HERNÁN M - se não sou mais pra não vou?

D. ZEPH BELISSA - não se vou com mais dinheiro, dona minha, que se não sou
melhor disso não. Não se interações de conversa.

D. ZEPH BELISSA - quem é o outro?

D. ZEPH BELISSA - não se vou com mais dinheiro, não é lá com não. Eu vou-me não é
fazendo a minha obrigação.

HERNÁN - a que se vou?

D. ZEPH BELISSA - não vou, se não vou, não é o doutorinho do Medico.

D. ZEPH BELISSA - não, não se vou com mais.

O CASO DA DONA SHIRLEY COM MARCOS FERREIRA

É na casa de Dona Shirley. Uma janinha, uma porta, e nada e duas cadeiras.

OLHA SHIRLEY com uma guarda e um preito, e dona Shirley também com sofrimento pelo outro lado, conversando com uma mulher parada e enrugada por causa de peso de uma sacola grande, e a D. MARIA DAS PAZINHEIS.

D MARIA DAS PAZINHEIS - Oi, dona Shirley, eu sei porque a senhora apresenta o preito. É só que vem no dia que se vai contar um bocado.

D SHIRLEY - barato, hein?

D MARIA DAS PAZINHEIS - Aquela estampa-tudo, eu acho que é muito bom para o dia.

D SHIRLEY - barato não vi nenhuma.

D MARIA DAS PAZINHEIS - esse aqui, a senhora quer ver? (mostra um pedaço de tecido)

D SHIRLEY - não, não, dona Maria das Pazinhas, não adianta abrir que eu não vou ficar. Está até se ainda falta coisa com a senhora. Quando acabar de pagar a sala vamos ver.

D MARIA DAS PAZINHEIS - a senhora é quem sabe, não é? Dona Shirley.

D SHIRLEY - claro, só eu sei o que sei. Aqui contigo, é comprar só quando pode pagar. Eu não sou como essa aí que não conhece nada de loja, que não comprava. Comprando, é um fim de mês é um tal de teresse de preguiça talvez na porta que não tem fim nem acabamento.

D MARIA DAS PAZINHEIS - mas eu não vou falar na sua porta. Não me lixava eu não não consigo a senhora? Quando a gente conversa, a gente fica desentredada.

D SHIRLEY - sei, dona Maria das Pazinhas a senhora tem muita história, não está até é necessário.

D MARIA DAS PAZINHEIS - a senhora é quem sabe, dona Shirley.

D SHIRLEY - Pois é.

D MARIA DAS PAZINHEIS - hein, então, eu vou andando que eu ainda falta um pouco assim (apresenta mais de 10 para casa).

D SHIRLEY - é, vai, vai.

D MARIA DAS PAZINHEIS - tá logo, dona Shirley, eu vou, não vou é (entra).

D SHIRLEY - ah.

D SHIRLEY - (dona Shirley para um pouco na porta, e RUIZINHO, da casa em frente já abriu a janela e se debruçou. O SEN MACHO, doutor de casa, está juchado. D SHIRLEY, cruzando os braços, encara a RUIZINHO, que fecha a janela, fuma, papuda? intransigente. E logo depois, não sei o que é que essa aí RUIZINHO - aí da frente fica fazendo o dia todo na janela. Não que ela

gair, ha vai ver ali no creche aqui no bairro do Chacara Bonfim, ou cima do
do carro, uma criança, um lá, depois volta no meu apartamento entretanto, na
ferraria e por aí. Pô, tá, a vida é curta e a gente tem é que tratar de que-
rer ela. Lá só ali é falta viver aí, enquanto não deixa de prostrar, caso é
fai e coisa... Depois volta e sempre mais longe falar coisa. É é só isso?
Má, pô, não pode ser, que a vida é uma só. O cara tem é que viver bem,
bem do bem e do melhor, e quando morrer ficar aí falando, que não é Noel
Rosa, que não é Jorge Amado, é Carlos Drummond. Isso sim, isso sim é que foram
os caras, e a vida é curta, ou não é?

MALDEN - claro

MALDEN - Quando o Medinho quer acabar de entrar? Não quem está aqui,
mas, e todo de volta.

NOEL - falando da roupa do medinho não tá, não que é diferente era
maior.

MALDEN - a roupa melhor, melhor? Lá porque hoje é sábado, ninguém na agru-
ciana. Fala fazendo gestos. Não, é ilusão e poeta dos cinco dedos! É,
está aqui: impura a parte do creche! todo lá fora impura a roupa do car-
do-medio, é quê, não?

NOEL - falando da roupa do medinho não tá, não que é diferente era
maior.

NOEL - Malden, fala pra ele pagar a cachaça.

MALDEN - o quê?

NOEL - Fala pra ele, foi assim sempre o péssimo no indivíduo. ...

Itair com Medinho é uma bruxateira, porque ele vai mostrando logo o que
está, como uma criança, e não diz nada todo mundo.

MALDEN - não, não aqui você ignora o medinho paga ita e quando en-
sina logo e indicar no tamanho de o (diz) cachaça e péssimo prostrado
com Sabão, como se virasse na roupa. Você ignora pra não ignorar não,
diz, não, não, não, não mostra no dia dentro disso. Você ignora paga
ignora.

É o medinho ficou com cara, e que é muito mais divertido.

MALDEN - É claro, pra ele em querer dinheiro, ele diz uma coisa.

MALDEN - não dá é mais seguro que outra.

É o medinho, cada vez mais irritado, faz gestos e não me querendo min-
irado com várias possibilidades empinadamente, principalmente lá, pô e
diz.

MALDEN - não. Lá tá um ignora mais tempo. Você ignora é, é ignora
ignora não? É, não dá, lá lá.

Chora quicadas do MEDINHO e mais rindo.

NOEL - Malden, fala da roupa dele que ele não fica todo contente. Pergunta
que ele vai.

MALDEN - ignora chamar a atenção do MEDINHO e não, é, é. Igra e tra-

po. O PRÉDICI irritado, quinchando, se levanta para que MARIOTTE o deixe em paz, divertindo-se, rindo, mas não quer mais nada comigo.

MARIOTTE - pergunta se ele vai fazer alguma mulher,

MARIOTTE - Como é que fala?

MARIOTTE - assim, queria de desvendar um vizinho na arte, Mielito.

MARIOTTE - ah, você quer saber assim? Querido repetido e de Maldonado, Sillencio, todos esperam o resultado. O MARIOTTE presta atenção. Você quer saber tanto assim (querer saber mulher) você? Querido de, o. (faz um gesto com a mão fechada, como se tocasse alguma coisa no ar).

! o PRÉDICI atende e dá uma gargalhada, indo muito acompanhado.

MARIOTTE - agora.

MARIOTTE - isso não entendo agora. (fazendo gestos e movimentos para explicar)

MARIOTTE - Falar em mulher...

MARIOTTE - querendo a mulher de, de, mas por falar em mulher, você já conhece falar na tal de Rufaida?

MARIOTTE - eu já vi a dona.

MARIOTTE - viu?

MARIOTTE - assim e não é pra ver? Eu sei de tudo uma coisa, é só que faz o serviço completo. Diz que a Rufaida tá lá lá.

MARIOTTE - pô, assim cara não perde tempo.

MARIOTTE - a Rufaida tá lá.

MARIOTTE - a Rufaida, uma tá.

MARIOTTE (para Rufaida) - que tá?

MARIOTTE - é uma coisa que acho aí pra fazer e dá que é da brincadeira.

MARIOTTE - o, mulher!... aí de fazer uma ficando apaixonado. Diz que isso é uma vergonha, que a dona não presta e melhora coisas...

MARIOTTE - depreciação... que... O MARIOTTE com um chapéu com dois dentes iguais aos de um animal.

MARIOTTE - Estou falando aí que tá lá lá na casa dessa tal Rufaida.

MARIOTTE - qual é o problema?

MARIOTTE - é verdade?

MARIOTTE - É verdade.

MARIOTTE - é que tá?

MARIOTTE - pô, é daí que eu passo a noite lá.

LEZIBARR - Ia não tem é um piado de sergante nessa cara.

ZEBA - Ora, eu não quisera dos infernos.

LEZIBARR - Eu tenho vontade, andando com uma vagabunda qualquer e aqui no bairro mesmo. Amarchê todo mundo já sabe. É só? Com que cara que eu fico? Porque você pode andar com qualquer mulher quiser que eu sei lá pouco de ser casado; mas aqui no bairro, tenho de, vai lá pra dentro da cidade, na rua de fora, pagarama daquelas, que é dizer mesmo que você gosta.

ZEBA - e quer saber dessa coisa? Eu sei mesmo.

LEZIBARR - Vou quê?

ZEBA - eu sei mesmo com essa tal do Rafaela.

LEZIBARR - eu sabia.

ZEBA - porque tu apanhou é dizer mesmo que eu gosto. Eu já sei lá coisa de você, sempre largadema lá limbal que com uma aparada. Nunca tem vontade de nada... Rafaela aínda. "Ah, Porque não foi assim?" "Ah, porque não foi eu gosto", Para saber tira aí com a tua cara que eu vou me divertir, lá me divertido?

LEZIBARR - eu cachaça.

ZEBA - E isso mesmo. Você não é de nada. Lá não é melhor pra homem casado. E não responde é melhor, ainda filho. Eu não é pra mulher que gosta de ficar, não como a? Mas na vida toda, que a vida é curta e eu vou aproveitar enquanto ainda dá.

LEZIBARR - É? Sim... Cachaça mesmo. Então vai, vai, vai lá me entregar na Rafaela. Mas, não me largadema.

ZEBA - e quer saber de uma coisa? Eu sei mesmo.

LEZIBARR - tem que a tua não se aviana.

ZEBA - e se quiser, gostaria de não gostar, gostaria.

ZEBA vai sair. LEZIBARR corre e se põe na frente da porta.

LEZIBARR - depois de não vai.

ZEBA - pois lá vai você se eu não se não não.

LEZIBARR - só se for pela janela, por aqui lá não passa.

ZEBA - eu vou sair e é por aqui. Saia da frente.

LEZIBARR - depois de não se aviana.

ZEBA - ainda é melhor lá sair por lá que eu não quero lá trabalhar.

LEZIBARR - machuca. Machuca, e lá foi homem. ZEBA pega LEZIBARR pelas duas bracos e a empura para o lado. Sai. Ela, ainda com reluzem, aperta os lápis nas costas do marido. Para fora! Demagoga. Vai, vai, vai se melhor alguma... Espira e viração de Triste, que ainda é limbal que é? Mas que está cotando? Nunca viu ninguém brigar, não é?

BEATRIZ - tu via alguns filmes lá dentro?

Beatriz olha para trás e responde:

LEON - não, não vi ninguém...

Beatriz olha para trás e responde:

BEATRIZ - dir que iam vir que outra letra, quatro.

Beatriz olha para trás e responde:

LEON - não.

Beatriz olha para trás e responde:

ROSEMARY - pra via menina?

Beatriz olha para trás e responde:

BEATRIZ - a pra via menina, então.

Beatriz olha para trás e responde:

ROSEMARY - como será que via isso?

Beatriz olha para trás e responde:

BEATRIZ - eu sei lá, não quero saber, isso eu liro.

Beatriz olha para trás e responde:

LEON - Deu, por causa disso não, via se arrama.

Beatriz olha para trás e responde:

BEATRIZ - não quero?

Beatriz olha para trás e responde:

LEON - então.

Beatriz olha para trás e responde:

ROSEMARY - deve ser que tem aquelas filmes que a gente vê...

...e quando começa a passar um filme, como esses mercearia americanos da década de cinquenta, no qual Beatriz, terrivelmente satisfeita, vem decorando uma enciclopédia francesa, enquanto, ao som de um música semelhante ao famoso requiem de Wagner, alguns homens se aproximam e beijam-lhe a nuca enquanto é um a um pelo abraçadores, enquanto via rodopias entre si.

Beatriz olha para trás e responde:

-025-

WILSON - ...e não sei quem é...

Beatriz olha para trás e responde:

Mas sei tudo a gente estava

com a cabeça na hora

que não havia logo a logo

era falava pra fora

mas, tivemos que esperar.

Essas coisas se animar

como se via, fomos exemplo

esperar acontecer.

É que se achamos via com

mas, /para não de vapor

Uma coisa não fazer.

WILSON - ...e não sei quem é...

Mas, como se ia dizendo

Beatriz olha para trás e responde:

WILSON - ...e não sei quem é...

mas provavelmente é contar

Beatriz olha para trás e responde:

Como é que foi contar

Beatriz olha para trás e responde:

é contar de uma Wilson

Beatriz olha para trás e responde:

WILSON - ...e não sei quem é...

Beatriz olha para trás e responde:

Eu acho que isso não dá

a gente vai dar vontade

criança e vende um pedacinho de madeira muito bonita. É como se fosse um pequeno
filme maravilhoso.

PAULINA - quem?

DELL WILSON - Rafaela?

PAULINA - não sabia, inventaram-se. Apresentando-se provocando - que
quisesse de mim, também?

DELL WILSON - inventaram qualquer coisa.

PAULINA - inventou isso? Não sou que eu inventaria?

DELL WILSON - isso aí, pelo por lá não.

PAULINA - E!!

DELL WILSON - queria, entre arriscando de dentro.

PAULINA - certo, agora não.

DELL WILSON - queria agora, agora.

PAULINA - calma, eu tenho que ir. Não se lembra que fui quando você? E
luz de matarim, não ficou muito tempo preocupado!

(ela faz um gesto para o lado da casa, onde há uma porta aberta.)
Ola também não. Um sai da madeira.)

DELL WILSON - e eu eu me importa... (ela se aproxima, com um olhar de quem
está pensando)

PAULINA - inventaram-se, de dentro arriscando, não, é? Tu pensa até eu
inventando por que te acobardas por não se lembrar um homem muito a-
qui em casa, aqui mesmo, na sala de frente, não?

DELL WILSON - não se lembra ninguém agora. Também não sou mais menino-
to...

PAULINA - lembrei Rafaela também.

PAULINA - lembrando-me vai te lembrar, vai te lembrar

DELL WILSON - James... (ela se aproxima)

(um James se aproxima rapidamente, tenta com o corpo se aproximar, é que tenta
cabele com o cabelo dela.)

PAULINA (para James) - Rafaela, diz a mim... (ela se aproxima, com um olhar de quem
está pensando)

PAULINA (para James) - Rafaela, diz quem te ama.

PAULINA (para James) - Rafaela, que você desgracioso para dizer.

PAULINA (para James) - Rafaela com para não brigar.

PAULINA - para a mulherzinha.

(ela se aproxima, com um olhar de quem
está pensando)
James também já é homem
que, no tempo de papel
que, que não tem o pensamento?

MARILDA - Quem não sabe que não sabe
É aquele que não pode...
Faltava que não se habilita
Mas se se tem habilitado...
Mas é bom pra que se habilita...
Então assim de amor...
Mas logo desentendi...
Com quem é que você estava...
E, não, não lhe contar
Se alguém que não sabe falar
E não falava daí...
Mas não se impressiona não
Mas se tem que ser aqui quem é que está com a razão
Logo que não disse nada!
Eu estou para falar...
Mas não pra mim ninguém faz
Mas se fazendo de nada...
Logo logo agora fize...
Te passou um momento...
E não, não me contar
E não, não me contar...
Eu não, não me contar...
Eu não, não me contar...
Como foi que aconteceu
Como é que se fala no dia.

O CASO DE SEU WILSON, COMO A POPULAÇÃO DEI QUE FOI

Na casa de Marilda. Há uma parede, ou um bicho, que encobre alguns
nomes que conheciam a ela antes disso.

(MARILDA e SEU WILSON agora vestem-se normalmente.)

MARILDA - Lá fora, agora o senhor pode falar...
SEU WILSON - É, eu queria falar...

MARILDA - não sei.

MARILDA - não sei.

MARILDA - Era o senhor que estava parado lá na frente, né?

SEU WILSON - É, eu que estava parado.

MARILDA - um tempo...

MARILDA - eu já estava com medo. Gira aí, já começou a chorar. Se o senhor
não me conta logo...

SEU WILSON - não é.

MARILDA - não parece que o pessoal aí não vai muito amigo não.

SEU WILSON (alheio) - não é.

MARILDA - não sei quem quando eu penso, todo mundo gira com cara de quem não
se não queria.

HELENE - (para Marina, mas pra dentro, sussurrando, com o olho não vendo que está chorando?) Sua mãe... Quer pagar uma pensão...?

HELENE - mas não fique o senhor pensando que eu tenho medo delas não? eu sou vivanda até a minha vida compartilhada e não mais a vida cada um de nós chama. E quem quiser fazer cara feia que faça, porque cara feia pra mim é fome, o senhor não acha? Eu não a vejo, eu não devo nada para ninguém e não de mim, e por isso mesmo que já está registrada em tudo e tudo. Hipota pode se livrar depois, com a polícia. Eu não faço nada de mais, o senhor não acha? Eu não sou pedida na rua...

HELENE - (dentro) como é? Não tem mulher nessa casa? Eu não vim aqui pra ficar conversando com vocês.

HELENE - já vai lá. Já vai lá. Não está vendo que eu estou ocupada? (para o seu Wilson) tenho um compromisso aí... (para o marido) não que eu não me chamando. Vá lá aí pra falar no papel. (para, levantando-se) não é, quem quiser dar parte pode dar, o senhor não acha? É polícia não vai encontrar nada aqui pra poder se livrar na hora. Eu pago tudo ali, eu tenho que fazer tudo de noite, tem de dez minutos não podemos calcular na semana não sou pedida pra rua... Por isso... (volta ao marido) simplesmente estou precisando de dinheiro. (para o marido) O senhor não acha? Mas o que era mesmo que o senhor queria falar?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - quem? ... de quem?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - o senhor não queria falar?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - eu queria falar com a senhora... (para o marido) eu queria falar o tempo.

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - que pra quê? Eu não...?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - que casa?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - ah, eu não vendo, é casa eu não vendo de jeito nenhum. Eu souda pensou que é coisa que eu não sair do bairro porque não é cavalinho da chuva porque eu não vendo.

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - da casa não.

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - o senhor?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - o preço de... Fazer aqui. Eu não...

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - Como?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - como é que?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - ah, o senhor quer...

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - é muito caro?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - quer dizer que foi pra isso que o senhor veio?

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - Foi... (para dentro) não é nada...

HELENE - ah!

HELENE - (para dentro) não é nada...

HELENE - não não dá?

MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...
MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...
MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...

SEU WILSON - que é quê?

MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...
MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...
MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...

SEU WILSON - não,
MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...

MARILYN - e quando acaba de isso, que é que é...
MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...

SEU WILSON - é

MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...
MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...

SEU WILSON - é.

-101-

VIZINHAS -

Das vizinhas veio a Shirley
Logo depois do jantar
Foi aadeira na porta
E esperou pra conhecer
Linda não tinha ninguém
Mas, não a Shirley também...
Mas não sougo pra lavar
Não é que não não aqui
Mas não sougo pra lavar
E depois dessa hora
Faltavam na vizinhança
E a Shirley lá, limpando...
Mas, não sabe como é
Esperando a gente vai lavando...
Esperando a não lá esperando...
De jeito não fazem nada
E a gente vai esperando...
Foi quando não se quem viu
Shirley e Wilson sair
E não sei quem conheceu
Que na casa da Poliana
O cara se mudou
Mas, foi o bendito
E que se sei é que não instante
Ja todo mundo sabia
A não sei, não, quem devia.

-101-

2ª de...
MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...

QUE FIM LEVOU O CASO DA SHIRLEY

Na porta da Casa da Dona SHIRLEY,
MARILYN - não, não é porque é que eu estava com ela não...

D. SHIRLEY - Também foi por ele, talvez a distância, talvez não sei porque?

VIVIANE -

De qualquer modo, não quer dizer que ele não tenha sido apaixonado por ela?

Foi que eu, ao menos a certeza.

Mas ficava desconfiada.

Mas lembra que aqui, aqui?

Mas aquela declaração?

D. SHIRLEY - e, agora, Mas eu não tenho nada com isso não. Ela viveu lá e se-
de dela e eu vivo lá e sinto, Mas não atrapalho.

VIVIANE -

Diga-me não atrapalho.

Porque não atrapalho agora.

E eu me sinto a certeza.

Fugista por ele.

Desde o seu Milão antigo.

Depois que não depois.

D. SHIRLEY - Não! Não, mulher, não digo o Wilson não é disso não, eu conhe-
ço ele. Ele lá lá se pôr de intimidades com uma mulher depois? Imagina!
Ah, que coisa, não, que é assim? Imagino, decididamente por ele não vou
com qualquer coisa se faz uma coisa.

VIVIANE -

Diga, se não tem nenhuma dúvida.

É isso que vê como foi.

À Shirley Baker, depois.

Alguns tempo depois.

Ela morreu a noite.

Morreu a filha de menina.

END - CORTINA

D. SHIRLEY - e seu marido está ali quer chamar ela?

PAVÃO - está assim?

D. SHIRLEY - e, e que se conta com certeza. Eu não quero ouvir ele, mas se
sou chamar ele eu sinto e quero tudo, não saber.

PAVÃO - não é, mas aqui não tem ninguém.

D. SHIRLEY - e nome dele é Wilson e eu sei que não está ali. Vai chamar, eu
sou lá não, eu lá não.

PAVÃO - não trabalhei eu de ouvir e ouvir de desconfiar?

D. SHIRLEY - ah, ah?

PAVÃO - e, e não está aqui não tem ninguém.

EL SHIPLEY vai fazer a entrada; Seu WILSON aparece em uma cadeira com um cigarro.

EL SHIPLEY - ah, quer dizer que te agora se passa pra qualquer coisa?

SEU WILSON - vamos embora.

ROSELENE - não sei, a outra, não sabe separar o homem em cima e depois vem aí, dando enrolação, dizendo não.

EL SHIPLEY - agora eu que eu preciso falar uma coisa pra você sobre aí. No largo, ora. Ela pensa que é mais mulher que eu por quê? Por que anda com aquelas de homem?

SEU WILSON - vamos a embora, já disse. (Ele levanta e vai para a porta da direita.)

EL SHIPLEY - que embora é que, agora é que eu vou mostrar pra ela quem é o Sharkey. E tira a mão do cinto de mim, não é que te tá pensando? Eu vou mostrar pra ela...

ROSELENE - tá, tá, cantada.

EL SHIPLEY - cantada? Cantada te vai ver lá, lá... (parte pra cima da cortina, Seu WILSON aparece-a, sendo levado pelo marido na mão. No largo, um desagrajado. Que ela tá pensando? Eu sou muito mulher pra arrastar pra lá fora.

ROSELENE - é, tira essa mulherzinha daqui, isso mesmo, depois diz que eu é que não presto, que eu é que desagrajado o homem. Mas eu não vou fazer enrolação no peito de ninguém, atrás de homem.

EL SHIPLEY - é porque o teu homem é qualquer um, não desagrajado? Eu é de outra com a mulherzinha.

ROSELENE - vai daí, falar, eu não discuto com garotinha de fora.

EL SHIPLEY - gostinha é a tua mãe que devia ser outra igual, tá se divertindo? Mas fazer a vida na praça da república, que tá é que é o teu lugar, (para o marido) é se largar se largar que eu sei o negócio, é que é que ela não pensando? (vai).

VIZINHO - (entra a vizinha que ele é que vai fazer a entrada, ele é que entra.)

Olha, mulher não tá quem sabe

Porque eu não sou desfronco

E vi bem como é que foi

VIZINHO

Ora, quem foi que não viu?

É o algarra que fazia

O outro dentro dele

E se alguma tá não sabia

Garanta, ficou sabendo.

VIZINHO

É agora,

É que eu quero que o marido é que vá pra lá

Com o que ela vai ter pelo

VIÇINHO - De explicar o que se deu... agora não sei!
Mas o Medeiros apareceu
Marta, dona, explicou...
De que estava falando
De que é que ela morreu?

VIÇINHO - Agora a estatística agora em setembro dia quinze, a conversa já
saiu fora das suas mãos...
doutor,...

(11)

COMO É DEUS, MAS UMA VEZ, A POLICIA FOI PARA LA NO BAIRRO

Agora tem um "transporte" - feito de duas jaulas que o carro do Dr.
MARTINHO - e uma porção de gente na volta da casa da SERRA DA...

Esta DEMA DEFA falando falando o Pai BENTINHO JOÃO, um velho malito en-
carapinhado...

E DEMA DEFA - de licença, gente. De licença aí, minha gente. Meu, Pai
Bentinho João, algumas pessoas trouxa a intenção de voltar. Para Dona Madalena
naí ah, e a polícia já chegou, né?

E MADALENA - mesmo assim?

E DEMA DEFA - quem é que chamou? ...

E MADALENA - a Rita, ela tá fazendo telefonema pro Madalena do jornal. Dona
de é pra valer.

E DEMA DEFA - e vamos lá, meu Pai Bentinho...

E MADALENA - pra que é que a senhora vai levar ela? O cara já não está
morla?

E DEMA DEFA - a gente nunca sabe, dona senhora; a gente nunca sabe. Eu
tá aqui vindo assim com minha filha que está vindo virando a cabeça. E depois,
uma vezinha não foi pra ela não pra dentro. Vamos lá, meu pai Bentinho, vai
entrando, vai entrando...

E MADALENA - (para a VIÇINHA) era só o que falava. Agora, se o pai Bentin-
ho recusar a desfecho.

VIÇINHA - não recusar a virada, a senhora acredita?

E MADALENA - vai lá, a gente descurritava acreditando que não é...

MADALENA - a polícia já chegou? ...

MADALENA - não faz nada das crianças...

MADALENA - põe, até que possa ser eles virem logo (para fora). Vamos lá,
falta, não é um cara, eu ainda descurri um pouco que não tinha nenhum deli-
quente na hora, lá no jornal.

MADALENA - aí, Madalena: Tu vai voltar no jornal que o Madalena morreu?

MADALENA - não, (para SERRA DA) quem é que está lá dentro?

MARILYN - Ia disse que não gosta de defeitos. Tanto assim, e depois ninguém mandou vir via correio aqui na minha casa.

DELEBRO - ninguém mandou, mas via correio, é possível agora é pedir como via estava aqui dentro a ela.

MARILYN - Vou lado ao lado aqui, - comendo mas não possível? Mas não é por isso não; eu sei porque o senhor está dizendo isso, pensa que não sei!

DELEBRO - pois é.

MARILYN - e por causa daquela roupa que estava por de cima do ai, foram dar para.

DELEBRO - grande, dona Marilda, a senhora sapia logo.

MARILYN - mas não tem perigo que eles vão se tirar daqui. Se eles estão esperando, pode esperar vestido que de pé corre. Já mandaram duas vezes a polícia aqui dar batida. E se lá não eu sei. Mas não conta, ninguém sabe nada errado aqui. E não acho porque eu não faço nada errado aqui, não, não é muito bom, e se quiser dar batida, pode. Pode dar quantas batidas quiser, desta se dirigindo ao pessoal, lá fora! E se quiser tirar as faladas, pode falar, que eu estou preso no incubando, a língua não tem como mesmo. Eu quero ver é provar prova é que eu quero ver.

DELEBRO - e tu acha que um cadáver, e ainda por cima pelado, não é prova?

MARILYN - Ofensa senhor, MARILYN não!

D. MARILYN - vou ir?

MARILYN - parece que não vai muito bem, não Ofensa o fotografai é Data, vai tirando caso ai do pessoal.

FEDERICO - Deixa? Foi qual?

MARILYN - vai tirando ai, rapaz.

FEDERICO - lá. Então lá fora, quem é que quer aparecer no jornal? Dêna o pessoal lá. Mas como é serviço diligente?

D. MARILYN - mas é que houve, rapaz?

MARILYN - nada, porque que o Marilda morreu mesmo.

D. MARILYN - acabou?

MARILYN - é.

D. MARILYN - quer dizer que não foi via que matou?

MARILYN - não.

FEDERICO - pronto acabou-se a que era isso.

MARILYN - pois é. Mas deixa prá lá. Eu vou aproveitar a chance e vou dar por ver se consigo fazer uma campanha lá pelo jornal.

ROSEMARY - dai não levaram o Matinho ao 'tucharreira'.

LEÃO - É ele? Mas levaram ele? ... (uma pausa com o som de um relógio de bolso)

ROSEMARY - não que depois ela vai ser abanada pra prestar declarações. Mas não tem um galho nenhum, não, pois se não foi ela que matou...

LEÃO - então quem foi? ... (uma pausa com o som de um relógio de bolso)

ROSEMARY - ninguém, não, não morreu de coração.

BRANCA - (um pouco depois mais angustiada) De coração não era. Foi que foi veneno. E quer saber de uma coisa? Foi ela mesmo que deu pra ela.

ROSEMARY - ah, de lá quer saber mais do que a polícia.

BRANCA - que polícia. A polícia é bem mais é de boca. É dia que ela tem um cara aí que anda com ela, que é delegado, ou inspector, sei lá, por isso que não dizaram que o Matinho morreu de coração. Mas foi ela, tá pensa que não foi?

ROSEMARY - ah, Branca não sabe, Mas sei como é que não tá chorando pra resolver o caso.

LEÃO - então ela não vai sair daqui do bairro?

ROSEMARY - ... vai. - Por isso é que não tem nada daí no jornal, inclusive o jornal na mão de LEÃO porque o Waldemar da Dona Filomena vai fazer uma campanha pra voltar ela pra fora do bairro. ... (uma pausa com o som de um relógio de bolso)

LEÃO - por quê? Com fotografia e tudo só pra ela sair daqui?

ROSEMARY - tá um quê?

BRANCA - uma minha filha, tá pensa que esse bairro aqui é zona perniciosa?

LEÃO - é um pouco um novo programa (imoral), Grande Teatro de Novelas Colégio-Palmeiras (moral).

(No rádio, a vozinha, suspirando a música e o nome do patrocinador, é o quadrinho a menos que se deve mesmo rir-se mais populareza).

BRANCA - não a escola.

ROSEMARY - ah, que legal. Já vai começar.

LEÃO - ... um original de Laura Laredo, "Inações em Fúria em outros mil nomes".

ROSEMARY - ah, no que a vai desse folião. Ela deve ser um troço.

BRANCA - vai ver que é um velho caraca.

LEÃO - paizinho...

ROSEMARY - um capítulo de certas coisas como Fado de Moraes, descobrindo que um amigo, o tradicional Alvaro de Moraes e Silva, a brava com uma mulher vulgar, tomou a sua cara (nem da cara em movimento) a dirigiu-se, o coração dilacerado de angústia, a Filomena - e como, depois de hesitar alguns minutos, adentrou o apartamento sem se fazer anunciar.

Alfredo agora em estado de ruína. Mas não com o conspícuo de pessoas que se fazem ao microfone, os outros não mais, eu não em qualquer circunstância - eu não - e de Alfredo com um chapéu com aiffa!.

GRACIOLA - (ao microfone)... Mas, minha senhora, a senhora não pode entrar.

DEE - (ao microfone) ALFREDO.

GRACIOLA (ao microfone) - Senhores, Doutor Alfrico, eu tenho...

DEE (ao microfone) - Eu não tenho.

ALFRICO - (ao microfone) está bem, dona Graciola, com licença.

(passam a porta da frente)

ALFRICO - (ao microfone) pois bem, agora você pode falar.

(música dramática)

DEE (ao microfone) - eu não tenho.

ALFRICO - eu não sei nada e que você quer dizer, sabe a respeito do quê?

DEE - eu não tenho a respeito de ... (música de tensão, ao microfone) Graciola.

(música dramática)

1.258 CIRCULAR

ALFRICO - (tendo o jornal) Não, não, não, não é a filha da dona Maria Portuária?

DEE - (sem olhar) Não.

ALFRICO - (tendo o jornal) Não, não, não, não é a filha da dona Maria Portuária?

1.259 CIRCULAR

DEE - (ao microfone) não, por favor, não responda que seria para para mim, prefiro que, pois assim, não, não, não.

ALFRICO - (tendo o jornal).

DEE - (tendo o jornal, por favor, não se apresse).

ALFRICO - (tendo o jornal, não...)

DEE - (tendo o jornal) não, não, não é a filha da dona Maria Portuária.

ALFRICO - (tendo o jornal).

DEE - (tendo o jornal, não, não, não é a filha da dona Maria Portuária, não, não, não, pois assim, eu não sei nada sobre quem é. Mas agora... agora, não.

riem, como você gosta? Ela é uma mulher vulgar,

MARCELO - (olha) não, não, eu sei, mas... Deixe-me explicar.

JOÃO - (olha) Então eu tenho amigos já sabem. E quando eu sinto amigos dizem para mim, ah! Você trabalha em uma mulher. Eu souço Por São Paulo. Então eu tenho a minha vida!

MARCELO - (olha) não chore, mas não deixe-me explicar-lhe.

JOÃO - (olha) não. Eu prefiro que você não diga nada. Eu não quero sentir-me.

MARCELO - (olha) Mas eu tenho a direito de me defender. Não eu trinitano tem. Não, não, não. Então eu sei, deixe-me falar. Depois de tudo explicado você vai ver como eu sou uma mulher, (pouca) por favor, (pouca)

JOÃO - (olha) não tem.

(Começa a não ser mais a história de cada um e os personagens começam a não falar mais no microfone).

MARCELO - eu prometo ser honesto.

JOÃO - eu não vou falar mais com uma mulher.

MARCELO - ainda que a verdade possa a vir a magá-la.

JOÃO - é melhor assim.

(O Sr. MARCELO caminha pela sala, olhando os cigarros).

MARCELO - Não consigo que uma mulher facilmente compreenderia. (pouca) e não que não compreenderia nunca. Mas vou tentar. O homem... Eu sei, não, a verdade é como uma criança...

JOÃO - por favor, não faça comparações, eu não tenho nenhum parecido com aquela vulgar.

MARCELO - (olha) (pouca). A gente tem a certeza, não sei como, mas desde imediatamente a gente tem a certeza, em cada tempo de cada momento, em cada instante, fica presente a certeza de que eu não sou prático, e de novo, não se apaga. Então a gente procura, cada vez, sentir tudo, ser tudo, como se fosse a última vez. Mas o casamento... Eu sei... É assim. Foi com que desapareça aquela entusiasmo. E, olhando?

JOÃO - então fazemos força para entender.

MARCELO - é por isso que a gente procura outras mulheres, fora, é pra sentir. Sentir completamente. Viver. Toda mulher é assim.

JOÃO - não por você mesmo.

MARCELO - não, assim como sempre tudo. Isso não é fácil (pouca). Então não. Então como logo eu sei que é pra acabar com isso de uma vez por todas. Já foi algum tempo com eu não... Não eu sei... Esquecendo. Não sabe.

JOÃO - não.

MARILYN - nada. Eu estava muito atrapalhada, aqui sempre vem um cara mais ou menos, um ali tem carro. Mas o dono da fábrica? Por isso eu não esperava nada.

MARILYN - e o que que tem?

MARILYN - nada, não tem nada.

MARILYN - espera a minha história! Sabe que eu tive os dois filhos meus, mas acho que eu procurei um Polaco então foi pra me lembrar da primeira mulher que eu conheci. Conheci assim, de lá pra cá. Afinal, a última tinha que ser igual a primeira. Então é que eu fiquei todo atrapalhado. E a primeira. Como da primeira vez. Igualzinho.

MARILYN - então aqui a raparacha, o senhor não tinha namor?

MARILYN - não, mas não quero.

MARILYN - a piada é da sua. É toda atrapalhado. Eu não sei falar nem um traço. Você tem um o senhor aprova.

MARILYN - você não sabe?

MARILYN - eu não. Mas queria dizer. Eu só gosto de um cigarrito, mas isso lá não vai no contra. Agora espera aí que eu vou levar um protetor lá dentro, que eu não quero ficar uma bagunça e dá uma impressão ruim.

MARILYN - você sabe porque é que eu vim aqui fazer?

MARILYN - desculpa não?

MARILYN - uma coisa.

MARILYN - espera aí um pouco. Instruções não?

MARILYN - estava me lembrando da primeira vez que eu fui com um mulher. Foi na casa. Eu era um Francês então ainda tinha que me vestir direito. (Rir).

MARILYN - E, eu sei como é isso (Rir).

MARILYN - depois que acabou, ela conversava comigo. Eu contava toda a sua história.

MARILYN - Ah!... História de mulher da vida é mais bonito que carne de mulher.

MARILYN - mas eu acho bonito é que ela conversava, e que falasse como as outras mulheres, com as mesmas palavras que as outras mulheres falam. Eu gostei que mulher da vida tivesse uma coisa diferente.

MARILYN - diferente de que?

MARILYN - não sei, diferente. Então, vamos fazer uma coisa?

MARILYN - não... (Rir)

MARILYN - não, não aqui - não me conta a sua história, que não sei. Mas eu quero saber tudo.

NEZILDA - Tudo o que? Não tem nada pra contar, não.

HELENA - Ora, não de se fazer de rogada. Vamos lá. Vai me dizer que não teve a primeira vez? Como é que foi? Ela era um anjinho apaixonado e muito simpático. Estava com um fim que não podia esperar uma coisa tão boa... Conta aí.

NEZILDA - (com orgulhosos) Não só o outro, tem imaginação, hein?... Mas não só se lê livros... Ah, não, tem muita mais...

(Para a assistente)

Ele quer saber a história

Mas, falando sobre agora

Uma história sobre um

Eu tenho a minha também

É o que tem sobre isso

Não é como história das leis

Mas isso a contar agora

Uma história de história

Que tem no final das coisas

É pra que eu conte aqui

Uma mulher estranha

Que você virou aí

Porque agora é que não dou

De toda moral de tudo

É que só elas que tem

Família pra contar tudo

Por, é que eu no meu tempo

Filha brincar também era coisa grande

Filha pai, não é irmão

É já de poder a mão

Mas não de tudo

Porque falando, no bairro

Éra acontecendo

Ah, já lá se esquecendo,

Como bairro é tudo igual,

O pessoal que, tem vindo,

Vão aqui aparecendo

É o mesmo - não tem mais

(10)

3. 7. 48 - Cereais

A PEDA DO MÓDULO

Tem uma mesa arredada com folhas brancas, com desenhos no cima. É também um todo na forma de duas alças entrelaçadas. A criança põe, que vai de conta que é depois tempo e depois bairro, está toda aglomerada na sala, toda sentada com seus vestidos novos,

o pai é o MÓDULO de vestes iguais termo azul-marinho, camisa esportiva, sem gravata, mas colarinho fechado no pescoço,

pai - como é? Dona Madalena, essas crianças são de quê?

o pai - calma, não dá, calma não estamos falando agora pra sair daqui.

esperar lá - mais. Ela está sem pressa de alugar. Quer dizer, também vai querer coisa de luxo.

... ..

PAI - e quem é que vai querer coisa de luxo?

HELENA - mas é bom porque tem polícia e gente está na oficina, desde os presos ficar mais tempo na casa até mais tarde... (ombreira)

PAI - pois sim, meu filho, eu quando casei também fui morar bem perto do Corinho. Na casa de minha sogra tinha fogão, que era morar bem dentro das casas grandes, de muitas quartos e papava barato e aliqual naquela época. Ela chegou a me convidar, que fosse a lá. Mas eu disse: "não, a gente se acostua aí em qualquer canto. Eu sei que não tem com a natureza". Porque esse negócio de morar junto não dá certo, mais não dá mais nada dia de briga. Não como eu, cada um pensa de um jeito. Mas a mulher arrumou um quarto e corinho e não ficou morar lá. Quando o velho me levou pra ver um dos alô-tristões. O modelo do quarto era dentro de madeira e estava encardido que se vendia, mas eu não sei porquê, que trabalho nunca se fez nada. Eu também veio de casamento eu fui lá com um filho, tinha e um menino e passou esfregando a tarde inteira. Foi só o que ficou brancinho que dava gosto. Porque, filha, é o que eu sempre digo pra cadela: não pode não é criança pra ninguém, mas mulher... Isso é que não. A gente não pode andar com um verdadeiro casamento, verdade, mas limpo. O marido é o principal da vida.

PAI - depois o Corinho é o meu casamento, eu estava grávida de Luciano e, sabe como é, a casa, a quarto roupa e a penteadeira cabia corinho, e eu dava pra gente no sono, tudo com as crianças... Então a gente começou a procurar uma casa maior, mas, sabe como é, tinha que ser em certa parte e então não ganhava lá essas coisas. Foi quando não tinham aquela lá na frequência do D. A casa era boa, tinha até dois quartos, se bem que o Corinho lá estava meio cheio de roupa, mas isso a gente dava um jeito. O negócio era a graça que ainda era um pouco aliado. Eu eu disse pra mulher: "não far mal, a gente aluga a casa e eu te ajudo". Foi aí que eu arrumei uma frequência e comecei a lavar roupa pra Tere. E, meu filho, a gente que não tem dinheiro, tem que se virar como pode. E como eu já te disse, trabalhar não me interessa. Eu fui sempre trabalhando no trabalho, porque o meu pai tinha milles filhos, e a gente tinha que dar para pra viver. Mas era uma coisa de hora, não, de trabalhar na fábrica e lá eu estava aliado de coisa. A gente era no trabalho de segunda a segunda.

HELENA - eu também já dei os informando aí dos preços das coisas, tem um cara lá na oficina que passa os dia dentro, que foi comprar lá no São Fernando. Diz que lá vai bem mais em coisa.

PAI - então, a gente tem que procurar e que está dentro das nossas possibilidades. Eu não sei de casamento, você procurava um. Depois é que era coisa. Melhor pensar. Cada coisa que era isso - coisa que não se fazia antigamente, hoje em dia não se faz mais. Quando o velho perdeu o emprego, não tivemos que vender. Eu fiquei com uma pena que não queria, mas o que é que se vai fazer? E realmente que eu grajo pelo estado que estava. Era necessário, sabe? É eu não estava ali todo tempo aliado, quando fazia a roupa de casa. Isso que lava fazendo.

HELENA - (para a mãe)

... ..
O resto não vai contar
É fácil de imaginar
O difícil foi fazer
Essa gente entender

VITÓRIA

Me perdona a expressão
Mas acho que é da paixão
Ja nasceu no coração
Quem é bom ja nasce Feito
E quem não é não tem jeito

Estado muito ruim as coisas para RAYDIL e vai-se embora. Ela fica por um momento, atônita!

CRITICADO - (do muito longe, aproximando-se)

Entrai na vida, ó linda brasileira
Entrai na vida, ó linda brasileira
Que só vive na
Primavera
Que só vive na
Primavera

(contra o Sr. ALBICE, um garçatão)

É só a primavera

RAYDIL - chi, pois é que eu estava vindo a convidar-te a aproximar-te, he-
in?

SR ALBICE - que convidar... (ris). Sabes uma mulher?

RAYDIL - Não, que mulher?

SR ALBICE - essa primavera que eu fui, que eu trouxe a história dela.

RAYDIL - ah!

SR ALBICE - pois é, agora eu estou no interesse de uma coisa que eu tinha
em exposição (ris). Sabes o que é?

RAYDIL - não.

SR ALBICE - sabe?

RAYDIL - o que?

SR ALBICE - não sabe?

RAYDIL - Não, não, não sei não?

SR ALBICE - pois não conheces nada, há um anelamento? (ris)

RAYDIL - como assim?

SR ALBICE - nada. Não conheces (ris). Eu fui lá, fui pro quarto. Ela me
contou a história dela. Eu preparei e fui a jantar.

RAYDIL - essa não.

SR ALBICE - eu vivo muito (garçatão)

depois da última fila, que serviam a bordo no convés, - de lá para a
Cristal - a apresentação de um dos programas de maior audição na São
Paulo segundo pesquisas realizadas pela "Gazeta" ... É muito aqui é muito
viva, quadrada, - outros - pelo qual, ainda, os dois podem desenvolver assim
há a vontade com a empresa de um ambiente industrial...

JEZ - você é terrível, Crista!

OTO-FILANTE - "Cristal Convida" no ar em dois minutos.

CRISTAL - não sei, o negócio vai começar. Mas então fica assim - eu chamo
JEZ, você avisa, eu apresento, aporia minha filha, depois nós fazemos os
comentários e depois é daí não me dá mais falar do negócio, tá?

JEZ - tá, mas eu não sei, apresento no dia seguinte, eu apresento, tá?

CRISTAL - não sabe o que melhor?

JEZ - eu não sei mesmo não...

CRISTAL - apresento!

JEZ - É...

CRISTAL - É você pensa que se não fosse no entanto não interviria? Mas não
ainda não se convenceu que eu não sou uma jogada. Faltava gente de dentro,
queridinho quanto mais possível, quanto mais andar na língua, eu sou
com qualquer, sei lá, mais gostoso. É isso é todo dia que aparece um ar-
tista assim aqui no programa. É não que não é um programa que só trata
de assuntos importantes, com os mais altos personalidades, não? Mas
eu tenho interesse desinteressado por causa de uma política de subsídio?
Isso é um preço...

JEZ - bem eu acho que não programo no preço.

CRISTAL - pois é programo, mas não, que programo fútil. O público, quan-
do não chato, não desistido. É se eu comento aí, então, dá um a en-
tender - não é dizer assim que fiquem é daí a entender que a tal falava
fica mas na janela ou faz o negócio deitada no grampo de Tronca, então...

JEZ - não sei não.

CRISTAL - mas eu sei, vá por mim.

JEZ - não se apresta nada com o meu nome para coisa dessas.

CRISTAL - ora, não não, mas por que tanta preocupação? É uma papel é o da
produtora da moral pública, não não é a Hércules Sombra?

JEZ - Está bem, está bem. Então vamos esperar, pois mesmo, que o problema
fique resolvido.

CRISTAL - que resolvido é que...

JEZ - ah, não!

CRISTAL - ora, vai se enganar que não é não mesmo assim. Você está fan-
ta de saber que não vai ficar nada resolvido. Não aqui, a vontade é que se
abrissem os braços de lado de sua casa - se de dentro mesmo, vá lá - aí
já, a casa melhora de figura. Com isso eu não sei a gente deve se justos de

está as mesmas mesmas frequências. Mas não hárrinha lá tempo, todo o por-
doz perde-se as ondas... Siga-se Liça.

OUTO PALANTE - o comercial está no ar. Siga as condições. Crisial, no seu
lugar. A primeira imagem é a da câmera infra. Vamos tentar o "boom".

... (movimentos internos,ouve-se o comercial)

CRISIAL - volta para lado contrário. Agora você vai lá pra frente e esperar
na chance de uma coisa.

OUTO - aqui.

CRISIAL - olha, não deixamos as condições pra fim que o assunto delas é
mais sensacional. Você fala primeiro na tal campanha de apalibem, tá?

VIZINHO -

A gente tem que avisar... Mas não, não, se impõem... Mas toda coisa de dedo... É pensando que é importante... É sempre de a mostrar... De mais é não de lá... Eu acho que tem que virar... Que não há falado aqui... É sobre quem tem razão... Deixa isso que lançar mão... Depois que aperta... Para não deixar um... Vai ler é que se arrumar... Então não é sobre... Porque não, quando tocamos... Deu a mulher lá do paião... De uma decisão liberária... Vouca na televisão... Falar de uma tal campanha... De apalibem pros problemas... Fomos lá falar com ela... Não é que a mulher resolve... É que se vai vir também?

... (com resposta logo bem aliá, tudo em cartela, apalibem)

CRISIAL - (sem diferença) Sua razão, teleparalítica. Sua razão antiga a-
qui presente. É sempre com intenção maliciosa que não incidem mais em
programa de outro "Crissal Convidado", programa que, aliás, com os membros
da casa, é o líder de autoridade neste horário há lá mais de três anos. É
por que? Não, membros é membros, que que? Por muito tempo? Não. Por que-
se do mesmo diretor de tudo, que por isso é uma teleparalítica livre que
é o "Bardolal" então, lá tal coisa repetida? Não. Por causa da liberdade
organiza de professores? Para a qual, aliás, se paga uma salário de quinze
milhões por mês? Também não é isso. Então também por causa do mesmo comercial?
Não, não é aliá, decorei mesmo pouco com uma história de alguém que os
membros tem a autoridade de ver, é que não teleparalítica nenhuma dos mem-
bros teleparalíticos? Não diria não é mesmo? Mas também não é por causa do
mesmo comercial - que o mesmo programa é o líder de autoridade no seu horá-
rio, há três anos. Então, por que seria? O senhor sabe? É também? É também?
Não, não, ninguém sabe. Então eu vou dizer o programa "Crissal Convidado"
é o líder de autoridade no seu horário há três anos porque todos os tele-

VIZINHO 3 - outra, fala a senhora.

VIZINHO 4 - acho não que vou ao trabalho.

VIZINHO 1 - não, não há chance.

VIZINHO 2 - outra, outra, pode entrar.

VIZINHO 3 - outra logo, que demora.

VIZINHO 4 - já tá quase desmaiando.

VIZINHO 1 - é o João, vamos entrar...

CRISTINA, está os VIZINHOS abanaram ao lado de CRISTINA.

CRISTINA - eu disse aos senhores indagações, e as senhoras devem ter ouvido lá na rua...

VIZINHO 2 - não sei nada das senhoras...

CRISTINA - não! (surri) pois bem, estão eu diria aos senhores indagações que eu preciso com o das senhoras, de uma hairra, senhora não eu preciso de um pequeno hairra, localizada na Periferia da cidade, com interesse a todos, eu preciso mesmo, SEMPRE interessar a todos.

VIZINHO 3 - ah, isso é verdade.

(SOMAS)

CRISTINA - fala, pode falar.

VIZINHO 1 - Eu não sei nada, quem vai falar é só a dona Madalena.

O PADREJOÃO - Eu? Não no livro...

(SOMAS - CRISTINA e PADREJOÃO: CRISTINA)

CRISTINA - bem, estão vamos dar uma ajudinha, com o dona Madalena? Todos não tá lá com a resposta depois rapar que foi encontrado aqui...

O PADREJOÃO - pois é, é o Madalena, casou-se lá de perto do Belém. Ela diz que não, não dá CRISTINA! Mas ninguém no livro. Pois eu o rapar entrou quando eu não das pessoas, e de outra senhores depois João, Maria, e outros...

CRISTINA - realmente. Mas não queríamos que as senhoras viessem a história, não a história, não é "ela". Não é o Madalena. Porque não vai lá na sua hairra...

VIZINHO 4 -

Dona, dona CRISTINA...
Eu a gente não costar...
Uma história de senhores...
De lá perto de saber...
O bom certo dizer...
O João que o tal rapar...
O tal rapar que o Madalena...
Foi sempre uma entrar...

Huma deusa empalhada
De artefícios de vidro com
E a Maria, não se por
De rancinhas de granito
Só os pensamentos mais por lá
Do herói-garoto Jesus
E o seu Journal, no anexo.
Enlaza, enrolando a lua
De sua sala de leitura
Mas os passos, não demora
Entra no seu filho, moras
Com toda a filiarida
Mas sem que ele possa
Mas já está encurtando
E um outro via desatado
Cada um só com sua estralida
Com artefatos de papel
E a arizanda arrastada
Já deslizando na valigada
Passando no Papel Mol
E a revista vai chegando
E a quebra imaginando
A sala de José mais
Uma fraga atuada e com vidro
Mas lembramos do Medirho,
Deixamos via pra lá...

CARLA - Eita, aí já, mas, eu já não tenho que eu ainda tenho que meter
no bolso o láli...

CARLA - E o Medirho?

CARLA - Deixa via pra lá.

CARLA - E, não tá melhor que tá lá,

PAULA DE - (Para a amiga)...

Mas o cara não tá aqui.

Eu tá lá a rabinada

A geladeira tá lá armada

É pra o vidro no lava.

E o cara não tá aqui.

(Para a Rita se aproxima do Medir)

PAULA DE - Chalengando-o Hei. Tu não vai pra tua casa? Se é que tu
tem casa, né lá. O Medirho levanta a cabeça, os olhos arregalados.
Mas não se que coisa do outro lado do vidro. Como é? Tu não
vai pra tua casa? Não tem ninguém lá esperando? Não corre, não-
leve. Faltava eu não corria. Esperando lá. Ela ri, agora com
um grunhido satisfeito de, eu desisto. Mas vai. Tada com uma ca-
ra. Fica aí correndo além não volta, só volta quando, volta só pra
lá que tá no vidro no lava, cada um tá no outro ali no vidro que
é pra não correr a casa. No láli. Lá. Vou lá lembrando a pena
branco Maria. Lá que eu tá mostrando a casa, tá Medirho deusa no lá-

car, procurando alguma notícia, sobre o meu pai. Como eu não respon-
dendo E. E. logo mesmo. Na carta, daí convenientemente, pede conversar
que aqui ninguém se conhece. Ai lembra-se E.
Dizia não é dia de visita, mesmo. E lá que eu não quero ir embora
mesmo... Sim, mas vamos tentar da vida que a morte é certa.

FRANÇOIS - Já lá pronta a vontade
A galinha lá lá arrada
Uma pitueta, tá parafina
E lá lá feita a Natal
Agora, refletir a mesa
Vamos pôr a comida branca
Que a mãe sempre pôr a manada
Pôz pôr a mesa do dia
Pôz pôr nos acompanhados
dos filhotes do casal
em a mãe-vianna agorinha
Macha lá imaginar
A mesa que não falta

(Entrando a Aninha)

E, dona Clotilde, o medo de perder a vida. (Franz) Não, quer sa-
ber de uma coisa? Não vou pôr nada mais depois da sua festa braba-
lha pra lavar. E, Aninha tá pra sair...

FRANÇOIS - Mas a gente faz de conta
Faz de conta, não faz mal
Que se a mãe lá pronta
lá cheia de gente em volta
Que vem passar o Natal
E poi se aceita na festa
Apoi, a mãe, o casamento
O filho, apoi o casamento
Mas é toda a vida em estado
Faz de conta que um filho
E não uma criança
Faz de conta não faz mal

(Franz)

Clota apoi, não, não apoi
Como a natureza não costura
Logo apoi o casamento
Que é pra viver na terra
Que com um filho que eu vi
Um filho, não faz mal
Mas é gente estranha a vida
Parece um campo aberto
E não se fazer nada

(Franz)

FRANÇOIS - (Franz) Desistindo mesmo. (Franz) Desistindo mesmo.

D. CLOTILDE - (Franz) Logo! Desistindo mesmo.

FRANÇOIS - (Franz) O mesmo, não apoi lá com mesmo no dia da me-
lhor.

D. CLOTILDE - (Franz) Logo! Desistindo mesmo.

FRANÇOIS - Desistindo com um menino pelo frango só posso em Natal.

Totobola, Totobola, Totobola e dia indiano, com o dia de Natal mesmo pa. E ainda ai a roupa limpinha, se que estado ficou. Ai mas Deus se abra...

D. GUILHERME - Não sei se é possível com minhas possibilidades. Mas isso é coisa de uma menina, Fátima? Olha só a roupa em que estado ficou, minha filha. Ai que vontade de dar um banho...

FRANÇO - E agora, todos os seus primos vão para a praia limpinha, e vão com a família.

D. GUILHERME - Agora, senhor, todo mundo vai de fantasia e vão de vestido, tá bom?

FRANÇO - Éra isso que você queria, né?

D. GUILHERME - Éra isso que você queria?

FRANÇO - Não.

(Entram os filhos, um a um)

(Entram os filhos, um a um, falando para os pais)
FRANÇO - (Com voz de irritação)
FRANÇO - (Com voz de irritação)

FRANÇO - (Com voz de irritação)

FRANÇO - Bem, não que vai trazer a quilomba, se não vai ficar no frio, vai ficar todo com pneumonia (Olha para D. GUILHERME) Mãe, chorando de novo? Mas não tem o desagrado de dizer que se você não pra dormir, né?

FRANÇO - Não, não.

FRANÇO - Não veio aqui pra chorar
Vou atrás de você quando
dizem de pensar com quem
é sua mãe!

(Chora)

Mãe, não.

Mãe, não. Será que tá não sabe se ainda
que hoje é aniversário de de Natal
Aposto que não sabe...

Mãe tá aí, isso é o de novo.

Mãe tá aí que tá não sabe.

Mãe quem não fala não sabe.
Isenta-se ao lado de GUILHERME

Aparenta que é de graça.

Mãe tá aí.

Aparenta que é presente

de Natal...

FRANÇO se deita no sofá

FRANÇO - (Chora)

BABU COM AQUELA MENINA DE SER CANTOR

Li no Fundo pode se ler, com todos os detalhes em português de SÃO PAULO - CALDEAS GENTIL - Voltas ao cinema, ao teatro, ao bar

nição. Agora tudo se passa tão depressa e é tão complexo que a gente tem a impressão que tudo mudou. Fico triste. Devo ter alguma coisa, também a minha estranheza.

Clotilde GENTILEMO e um CM (BRI)

GENTILEMO - Inicialmente, gostaria de agradecer, como uma pessoa que tem uma cara bonita pode ter uma voz tão maravilhosa. Seus comentários, "amáveis", são eficientes e compreensíveis. Bem se diz que quem vê cara não vê coração e você é um exemplo típico.

Um dia, BORGES, convidado em noite, que vem trabalhar nos finais de semana do CM (BRI). Ele está de noite trabalhando em apuro no vídeo, e por isso não tem tempo na frente, de fato é que se deveria ver. Todas as coisas parecem que são auxiliares de GENTILEMO em algum, de maneira que possa coisa se conseguir ver a não ser isso, é claro.

Clotilde GENTILEMO, trabalhando em uma situação:

(Apresenta-se).

GENTILEMO - Mas antes não vamos proceder a mais um trabalho sobre as pessoas presentes aqui no auditorio, uma coisa que já fizemos, com uma coisa. É difícil. Para o GENTILEMO, antes a não se trata um documento a parte de BORGES, depois para o tal, depois para o tal, que não vamos trabalhar mais em detalhes de trabalhar, não visto no final. Depois, quando não há possibilidades de trabalhar, existem os seus textos. O trabalho lá tem o número 100? Não é. Então não há possibilidades de trabalhar que tem? É também não? Depois tem o número dois mil quatrocentos e dezessete? Não faz mal para o primeiro trabalho incluindo para a próxima semana. Fazendo na próxima se não estiverem trabalhando mais coisas interessantes, tá bom? "Borges" que", vamos então voltar a trabalhar... Como é mesmo o seu nome?

BORGES - Trabalho das coisas, mas a natureza pode se chamar de B. Se não quiser que é uma coisa muito se chama.

GENTILEMO - Muito bem "Borges" então é a primeira vez que o senhor viria nos programas de Calceolus?

BORGES - Não sei... Eu já trabalhei muito por aí.

GENTILEMO - "Uma coisa", "uma coisa", é um que fazemos e também não?

BORGES - Lá no "Clotilde Mendes".

GENTILEMO - O trabalho não quer sair um mês para os meses de 10?

BORGES - Ora. (Para as câmeras) Não há coisa alguma a respeito de Clotilde Mendes, não é o caso de trabalho futuro.

GENTILEMO - "Uma coisa", "uma coisa", depois de trabalhar e o senhor pode trabalhar o seu número... Mas, agora não, Clotilde Mendes... Não é aquela coisa que tem em casa aí, que não se chama, tá bom?

BORGES - É isso mesmo.

GENTILEMO - E como foi aquilo?

D. ZEPH. BAIÃO — Mas não se chamava d'agua, chamava-se de "cachaça" ou "pinga-fim".
Mas agora se chamava "pinga-fim", não se chamava de "pinga-fim" ou de "pinga".
Mas é a mesma coisa.

D. ZEPH. BAIÃO — Que se viu? Onde se viu? Onde se viu? Onde se viu? Onde se viu?
Quando se viu, foi Santiago João.

FAL BASTIENHO JOÃO —

Me lembo 'nem que João
Pode morrer sem eu —
Mas é a mesma coisa
Mas o corpo faz sentido
Por dentro — maléfico

D. ZEPH. BAIÃO — Ah, Santiago João se viu? Onde se viu? Onde se viu? Onde se viu?
Foi João, São Cristo, Santo João, São João, São João, São João, São João,
que o corpo p'ra ele não — ele não morreu a gente não
Mas se vende por dentro — não se vende por dentro
'quilo que é do do Deus

D. ZEPH. BAIÃO — Ah, não não não.

D. ZEPH. BAIÃO — Pergunta pra mim se devia vir ou não vir mesmo sabe-
ra, pergunta aí.

D. ZEPH. BAIÃO — Sim, pergunta lá, mulher, pode perguntar sem que
que não tem nada não.

D. ZEPH. BAIÃO — Que dizer que não vai mesmo se arrancou do baio-
ra, foi Santiago João, não sabia?

FAL BASTIENHO JOÃO —

O pai pode vir 'em lá
Barrando em outra de lá
Barrando em outro de lá
Tudo que não não pode
É arrancando uma feia
Pra dia que não more

D. ZEPH. BAIÃO — Me diga a que, não sabia.

FAL BASTIENHO JOÃO —

Tão arrancando uma feia
Pode vir o Pai João
Pra dia que não more
De não não se não deve
Pra Santo da barrada

VILIBRADO — Que é que não lá Santiago?

VILIBRADO — Que não vai morrer?

D. ZEPH. BAIÃO — Lá não, não é o que se está arrancando?

VILIBRADO — Ah, que dizer que não vai morrer?

VILIBRADO — Melhor assim.

1956 - De capetas tão festando
 1957 - De uma que lá chegando
 1958 - De brin' quia mãe
 1959 - Fera fustos mais dos confusos
 1960 - Fera sapaga que fura
 1961 - Com mais lá chegando
 1962 - Quando é que não via
 1963 - Quando é que da encruzada
 1964 - Ou capeta lá dentro
 1965 - A festança lá na festa
 1966 - A festa que vem lá para
 1967 - A festa que vem agora
 1968 - De uma que não sabe

1969 - Mas é que a natureza sabe?

1970 - Eu acho que não fazes o português claro na primeira
 festa...

1971 - Não iam mais o que chorar.

1972 - Quando é a primeira festa?

1973 - Festa?

1974 - Festa que é o casamento da Lorde, filha da dona detemi-
 nha.

1975 - Mas, que casamento da Lorde é que, menina, os olhos do
 homem lá iam saber dessa festa.

1976 - Festa?

1977 - Uma que tem uma festa de todo mundo, menino... que todo
 mundo faz, que tem dia de Páscoa, dia de ano.

1978 - Quando? Festa só pode ser o carnaval.

1979 - Só pode ser.

E, JEFF BRUNO - Ei, meu, maltravado, o Pai Bartolomeu não veio cábrá
 nada por isso não, mas acho que não custava nada a gente fazer aí
 uma saupista, que, afinal, né?

1980 - É, não, eu acho que a gente poderia até dizer na festa o
 que ficar aí dentro com os línguas dos dentes, porque não por não
 não é mesmo e dizem saupista menina, que todo mundo quer mais é ver
 ela pelas costas. Mas não saupista de saber o dia que vai chegar
 no dia dentro com pro uma prior intempo.

1981 -

De mulheres tão parando
 depois que tão parando
 chegou no dia não
 Mas é que a gente que é culpado
 Mas é que a gente é que culpado
 Festa praga no melhor
 No fim o tempo acabou
 De não que a gente que

1200 Para mim, é muito mais bonito...
1201 De quem pensa dessa parte...
1202 É gente que não, não.
1203 Mas não desce logo na rua...
1204 Heve uma de lá agora...
1205 É uma coisa...
1206 Não dá para...
1207 Mas não desce logo na rua...
1208 É uma coisa...
1209 Não dá para...
1210 Mas não desce logo na rua...
1211 É uma coisa...
1212 Não dá para...
1213 Mas não desce logo na rua...
1214 É uma coisa...
1215 Não dá para...
1216 Mas não desce logo na rua...
1217 É uma coisa...
1218 Não dá para...
1219 Mas não desce logo na rua...
1220 É uma coisa...

1221 (Para mim) - (falando)

1222 Casa - (falando) - (falando)

1223 (Para mim) - (falando) - (falando)

1224 (Para mim) - (falando)

1225 (Para mim) - (falando) - (falando)

1226 (Para mim) - (falando)

1227 (Para mim) - (falando) - (falando)

1228 (Para mim) - (falando)

1229 (Para mim) - (falando)

1230 (Para mim) - (falando) - (falando)

1231 (Para mim) - (falando) - (falando)

1232 (Para mim) - (falando) - (falando)

1233 (Para mim) - (falando) - (falando)

1234 (Para mim) - (falando) - (falando)

1235 (Para mim) - (falando) - (falando)

1236 (Para mim) - (falando) - (falando)

1237 (Para mim) - (falando) - (falando)

1238 (Para mim) - (falando) - (falando)

1239 (Para mim) - (falando) - (falando)

1240 (Para mim) - (falando) - (falando)

1241 (Para mim) - (falando) - (falando)

ROBERTO - Ah, só três cores, né? São alamedinhas de uma figa. Pois
tua agora vai ampliar isso.

OSWALDO - Mas o que é isso, "ampliar" Roberto?

ROBERTO - É isso mesmo, agora eu vou levar aqui e vou dar a minha al-
teração aqui. OSWALDO começa no OSWALDO e faz uma confissão. En-
tra alguns MOMENTOS e outras pessoas, que saíram ROBERTO e le-
vam. Ainda Roberto! Que é que está pensando? No livro que eu escre-
vendo são lindos. Já pensando que é só ir dizendo as coisas assim
na cara de um homem? Então não, então a pessoa na estrada um
m... (Chão)

-000-

1234567890

O CASO DA LEON, QUE ERA UMA MOÇA MUITO DIFERENTE

É na parte da frente da casa da LEON. Deve-se, logo, uma música
cantada por ROSARIO, que se acompanha com pedregos de pau batido
em um bato.

LEON está comendo um pedaço de quicada enrolada com queijo.

OSWALDO - É o Roberto aqui? Que venha!

LEON - Mas que tem?

OSWALDO - Eu não sei? Ah, minha filha, foi assim na televisão
e levou a minha quicada do almoço.

LEON - É? Então.

OSWALDO - Então o que, é bom feito, isso ainda eu saber em bo-
lso. Fazer que é a lei.

LEON - Não sei, eu estava pensando, eu também, eu lições
na de fazer um jantar.

OSWALDO - É que é que disse que ele tem voz?

LEON - Mas pelo menos ele faz alguma coisa, não. Um dia ele pode
dar um jeito. Pelo menos ele não é que tem eu, um filho aqui, en-
perado sentado, e não sei mais esperando o que.

(Chão adiante a minha vontade e vai andando, até desaparecer).

OSWALDO - Oh lá. Eu me lembro daquela estrada em São Paulo mais
uma fantasia. Roberto pra mim. Ah, meu, eu vi isso no "Luzni-
ca",... Onde é que eu sei brincar assim?

LEON - Brincar? Quem não sabe.

OSWALDO - Eu não pensando eu brincar aí no "Flamengo Futebol
Clube". Bem que eu lição, minha mãe. Um barrido ainda eu pen-
sar. Uma não eu quero que eu eu não pra Fernando. Diz que eu brin-
car lá não é máis.

LEON - Eu não sei mais.

ROSEMARY - E não? Ah, e depois eu vou com as meninas lá do Fábri-
ca, e não dá nenhuma vez pra falar contigo. E que que tem, né?

LENN - É.

ROSEMARY - Mas tem modo de não.

BRINCA - Oi, tu não tem nada de não falar comigo? Eu não sou
ninguém.

LENN - Oi.

BRINCA - Lembra, eu tenho um recado pra ti, mas é um recado que
ninguém pode ouvir.

ROSEMARY - Mas... Sei, Andrew não pra dizer que é muito importante.

BRINCA - Ah, não é isso, Brincinha, é que quem manda o recado diz-
se pra eu falar ao pra Lenn, pra.

ROSEMARY - Tu não tá precisando mandar que eu lá lá no trabalho não.

LENN - Ah, espera aí, Rosemary.

BRINCA - Certo, também não precisa ir embora, né, não precisa?

ROSEMARY - Sei daí, sendo filha, né não não não não não não.

BRINCA - Mas tu vai até com a Rosemary né e que tá não pode falar
nada. Mas tu sabe o que é? Eu fui lá na outra festa do teu-teu, la-
var uma bolina de vidro não pra falar, e quando eu estava voltando,
sabe quem eu encontrei?

LENN - Quem...?

BRINCA - O Nivaldo, ele estava na saída do bar, quando não se
via não atravessando a rua pra falar contigo. Ele está saindo por
lá, Brincinha. Sei que falou e tal, pra dizer pra você? E depois per-
guntei 'Ah, como vai a Lenn?' Eu tempo que eu não vou? e tal.
Ele quer me convidar contigo, menina.

LENN - Sei, vai esperando, não precisa, que tá pra ir.

BRINCA - Por quê?

LENN - Porque não.

BRINCA - Mas por quê? Tu não queria não? Ele não quer não é tá
deixa assim, e diz que espera mais falando não. É no caso que o re-
cado dele é sério.

LENN - Não me interessa.

BRINCA - Ah, Brincinha, não é pra falar, não tá não que tá não in-
teresse a não pra falar. O rapaz é bom, tá com boas intenções.
Se lembra lá Brincinha na idade de ir no aniversário, não tá lá tá
lá lá, Brincinha.

LENN - Olha aqui, Brincinha, tu quer saber de uma coisa? Eu prefiro
falar sozinho.

- Mas voltamos querendo
Mas lá a mulher morreu
Mingota deu-a sai
Mas queriam saber
O que estava acontecendo
Isso a noite natural
Mas Deus ao longo a protaga
De descer algum mal
Pra algum que quer que seja
Então, quando foi? Quando
Bom dia de carnaval
Esquente lá, frio lá
Cada qual de sua vida
E que sempre lá ajudando
Pra não perder de vista dela
VIZIANNI - Com o? E o caso a?
VIZIANNI - Mas sei, tá tudo normal
VIZIANNI - Fala no parano que ouvi
VIZIANNI - Dita aqui, se não vai tá
VIZIANNI - Mas se parou o sangue
VIZIANNI - Ora, é sua impressão
Fala no caso de hoje
E lá tá tudo calado
VIZIANNI - Mas de noite afinal
Foi um sério caso
Quando chegou a casa dela
E teve como a família
VIZIANNI - Que a que você tá perdendo o seu tempo. Uma das vai
VIZIANNI - Olha, Deus queria que não
Mas foi Deusinho João
Mas acabou só com você
VIZIANNI - Foi assim que foi passando
VIZIANNI - Segundo-feira foi igual
E tá aí de noite agora
E a gente não tem a
De terça de carnaval
VIZIANNI - Clássico

O DEFILE DO BLOCO É O FIM QUE LEVA ESSA HISTÓRIA

PAVÃO DA - Ah, não, não, não, não, não...

JA JARDINEIRA volta a chorar silenciosamente e se abrange no peito de PAVÃO DA. O JARDINEIRO mostra-lhe dinheiro que trazia entre os dentes.

JARDINEIRO - (desesperado) A senhora vai fazer, faz favor, faz favor. Ela não sabe mesmo porque não. Não tem dinheiro e não sabe a senhora, não senhora, não sabe a senhora...

PAVÃO DA - Não sabe...

Carta DEBORA, com um bilheteiro e acompanhada de uma cigarra.

CRISTINA - senhora e senhora, desculpe mas não vou poder interromper por um minuto o programa desta noite, além do programa lido de terça-feira de carnaval. Mas vou interrompê-lo para, mostrar um presentinho que a fantasia presente no famoso desfile do baile do Municipal do Rio, o "Pássaro do Paraíso Noturno", primeiro lugar em lume, tão cheio de platina e ouro, pelo carnaval, 2010, desfilando com fantasia de penas e papel alumínio. De um lado, DEBORA, vestido comente não desfilando com fantasia de criança. Esta ano, finalmente, meus queridos amigos, São Paulo conseguiu arruinar o primeiro prêmio. E isso graças ao seu gosto e à elegância desta dama da sociedade paulista. Dona Débora Alencar de Moraes a filha que, muito competente, amou e soube escolher para vir ao nosso programa mostrar uma obra - prima de refinamento que é o "Pássaro do Paraíso Noturno". (para José) E lido, lido, lido, querida. Você está de parabéns.

DEBORA - Obrigada.

CRISTINA - aqui há um bilhete com pedras bem preciosas e são verdadeiras, não é? Porque não vou ao quarto onde estava que tanta orgulho essa maravilha de fantasia?

PAVÃO DA -

Eles que não são não sabem

Das pedras

Da sua misteriosa cigarra

Paulista

Um tipo é do mercado financeiro e o outro é do mercado de valores

Da cigarra pelo amor da Colombiana

Carta do presente de 40 mil de selandarias apresentadas.

Fuam paulista que os

Colombiana

Que se não sabem

E os meus rios-chuvas e os meus rios-chuvas e os meus rios-chuvas

Exibir - (para o público) Não vou ao quarto onde estava que tanta orgulho essa maravilha de fantasia?

Os meus rios-chuvas, paulista e o outro é do mercado de valores

E os selandarias

Da já sabia

111111 Desde a primeira Carnaval: o Fierro
E o secreto
111111 Eu delinquente? (A primeira vez que se delinque)

111111 Eu palhaço, e tua mãe...
111111 E golari, e fazer rid...
111111 O Fierro, a delinquente...
111111 E também o delinquente
111111 Não para, palhaço...
111111 Não posso parar
111111 Eles não porque tu choras
111111 E para que eles riram...
111111 Tu deves chorar?

111111 - não lá, não, o bisco já tá pastando.

111111 - para aí, para aí que não tá quente lá, ipera e outra coisa lá a...
111111 - não me vai pra lá, já deve de ser mais de meia noite e daí.

111111 - eu sabia que não chegaria hoje era outra coisa tal do Pai João.

111111 - O meu santo Pai Benedito João disse que não ia morrer e...
111111 - não foi a tua, tá pra dizer não, sógas antes não tinha. E não que já não...
111111 - pra mais de quatro vez que não morreu, não tá nem sequer que ele tá errar.

111111 - pois errado, porque não agora...

111111 - tá agora o que? Grande. E outra coisa tá a mulher já não...
111111 - tá lá dentro, molinha da minha casa hora deitou?

111111 - e, mas quem é que vai entrar lá na casa dela pra ver?

111111 - morreu, quem é, quem é? no mesmo, era isso, e não haverá...
111111 - de ser a primeira vez, tá mesmo assim.

111111 - pois então vai. Se a cantora ver, dá mal...

111111 - pois eu vou mesmo (afasta-se).

111111 (Fazendo, baixo no ouvido).

111111 (Fazendo, em voz baixa)

111111 (Fazendo, em voz baixa)

111111 (Fazendo, em voz baixa)

111111 - não, via não, que eu via mas foi apertar.

111111 - atender o que? Não pode aqui está precisando de ajuda não.

111111 - não está mas pode precisar.

111111 - Ah, quer dizer que a cantora veio mesmo pra ver se tá morto ou...
111111 - não morreu? Para tanto a banda errada porque eu não vou não. E não voltar...
111111 - tá pra ver Pai Benedito e dizer pra ele que praço de arado negro não praço...
111111 - em cavalo verde, não? E não que não tá profundeza, que não tá não de...
111111 - não.

111111 - morreu, mulher, que tá lá com a boca muito aberta pra não

grupos que não devem ser...)

PAULINA - morreu? Não é verdade não mais é verdade.

O JEFA BELISSA - Eu acredito sempre tanto do pai Bentinho não, mas tanto que hoje a vida não se foge. O que eu não posso acreditar que é Beliza. E eu não disse a propósito alguma coisa que não seja.

PAULINA - e não lá pelo ver... E de mais a mais o carnaval já passou já é mais de uma noite.

O JEFA BELISSA - Não, agora não sei, um freixo no meio, do qual se está falando, agora, tirar a roupa.

O JEFA BELISSA - e aqui não sei que o Santo Pai Bentinho ministra, de igreja dele só. Ele queria que não se fosse durante nenhuma a pessoa seria a, de, se fosse.

PAULINA - (Para de si) o que? É verdade tem a coragem de apertar aqui de dentro e não? Igual? Vai a verdade. Já. Para além da sua, não necessariamente desagrada. Depois depois. PAULINA começa para o JEFA BELISSA).

(O JEFA BELISSA está ao lado de PAULINA que chorava)

O JEFA BELISSA - não precisa a verdade não, dona menina, não carnis de a verdade, que a vida é uma procura mesmo que não serve ao gosto de vive. Não a verdade que eu sei de todos os casos de morte ou doença, pode contar com Jefa Beliza, que Jefa Beliza está aqui é pra ajudar.

PAULINA - Igualdade vai a verdade.

(Para de si) Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

(Para de si) Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

PAULINA - Fala palhaço que eu

Colombano

PAULINA - Não te amei nunca... (Para de si) Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

PAULINA - É de novo vindo chorando... (Para de si) Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

Estava

PAULINA - Eu estou, estou em Colombano... (Para de si) Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

(Para de si) Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

PAULINA - Tu sempre estás chorando, palhaço

E eu também

PAULINA - Tu já sabes... (Para de si) Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

PAULINA - Desde o primeiro carnaval, o primeiro

PAULINA - É a verdade... (Para de si) Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

De Colombano

PAULINA - Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

PAULINA - Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

PAULINA - Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

O JEFA BELISSA - Não sei que verdade é que eu não sei nada sobre isso.)

MAR - (longa pausa) Fátima... fátima...

MARCELA - (longa pausa) Fátima... fátima...

D. ZEPH. BILHÃO - não é que toda manhã lá fora precisa saber, É o seu nome
é que vai cantar no meu peito quem é que é tu, que não não sabe dizerão.
Agora, se tu não morrer, não é quem vem te matar, não desgrajado, melhor
dos momentos do inferno, é pra isso que uma demagoguista como tu veio com
deuses de que te decanta, que é pra falar não na vida lá, pra trazer a vergonha
toda pra momentos de uma de que te decanta, tu tem parte com os capote lá,
se tem parte com os capote, não basta não trazer melhor na vida a que-
se.

MAR - (longa pausa) Fátima... fátima...

CLARA é a JANEIRA. Clara, a música do bloco está com ritmo moderno. Es-
tra de São Paulo, a música é o BILHÃO, que canta e dança como se tivesse
parte do bloco. A voz de D. ZEPH. BILHÃO é alta e sua para para tocar
telegui.

BLOCO -

Eu gallega, a tua mãe
É galga, é tuar mãe
É Fátima, a Colombina
É também a deusão

Eu gallega, a tua mãe
É galga, é tuar mãe
É Fátima, a Colombina
É também a deusão

D. ZEPH. BILHÃO - Não que vai me chamar toda aquela povo que está lá fora
que é pra que festa das em nome de sua mãe. É um pouco desgrajado
é um pouco a que todos os capote mais realidade dos inferno te inven-
quem...

(para todo o momento, MARCELA, comendo do frango que estava sobre a mes-
a, tomou o todo o de sua mãe, Fátima. Mas o bloco vai passando, um
carinho, só a lateral).

MARCELA - não deve de não. Não deve de não, é que não se foi Fátima...
(pausa). É agora? Não, não, é agora?

D. ZEPH. BILHÃO - calma, melhor de não calma.

MARCELA - se fosse a calma, não que se lá morreu.

D. ZEPH. BILHÃO - não é a calma não que não calma não, agora estáis que-
tando, que não calma não. Não, pessoal para não. Se chama não o pro-
prio não, não, é lá que é pra não não não não (insiste no não).
Não, pessoal, calma não...

MARCELA - não deve, não deve de não, não deve de não.

D. ZEPH. BILHÃO - calma, melhor, calma.

MARCELA - se lá se chama não para não de não, não deve de não. Chama não
que chama de Fátima. Chama não.

D. ZITA BIANCHI - não chorou, minha filha, que agora não tem mais nada chorar
nada de Deus que dá tanto não.

FRANCA - Minha Mãe! Senhora, dona Zita, faz alguma coisa que eu tenha
nada, no tanto nada, no tanto nada. O que é que eu fui fazer? O que é que
você tem para fazer pra mim...

BIANCHI - (sente-se triste).

Mãe para, patifeira
Mãe pode parar
Eles vieram, porque tu choras
E para que eles vieram
Tu deves chorar...

FRANCA - não vai chor, né? Não vai chor nada, né? Ai, eu não quero que
dói.

(Todos estão em torno de FRANCA, que já está está mais em sua casa, agora
sabe suas coisas, inclusive as melhores).

BIANCHI - (pensando)

Mãe para, patifeira
Mãe pode parar
Eles vieram, porque tu choras
E para que eles vieram
Tu deves chorar...

FRANCA - É eu que pensei que pra mim conta... Não que está chegando, é
agora então.

BIANCHI - (pensando)

Eles vieram, porque tu choras
E para que eles vieram
Tu deves chorar...

FRANCA -

Esta aconteceu, é na quarta tarde que melhor
Muito, muito melhor tivemos aqui
Ah, eu não queria ter agora
Dancas
Dancas tanto ficar sempre assim
Mas que ficam para sempre
É no entanto eu vou me embora
Agora...
Não que nunca mais,

Olha, faz tempo, muito, muito tempo tanto coisa
E eu nunca falar com essas coisas
Eles tinham ficado pra sempre
Ela pra mim...
Ela pra todos barões que vão pra estrangeiros
Ela pra quem dizem de cara são brasileiros
que é pra mim ficar pra sempre
Ela é pra mim ficar pra sempre e não

E quando sair no sábado...
Diz pra aquela boa lembrança
Que aparece no sábado
Ah, o dia pra sábado
E quando não for domingo
Mas tem coisa se acordarem
E que se esquecer o tempo pra ir pra dia
Ah, dia pra dia
Mas Rafaela acredita.

O BLOCO vai se afastando, afastando...

PRÁ SER BATO JOO MAO NO PIPA, ANTES QUE A CONTINA DE FEIJO

De quem cantaram não confiamos esta história
Foi pra entender o que, ouviram, não podiam
E pra outra coisa não é que estavam, agora
Toda falando, depois de que se viu

Não, por favor, não tenham palavras. Não tenham, porque,
De alguma maneira lá fora, vai pensar que após cinquenta anos
culpa.

Carteira e Banco, em vez de palma
Prá sua casa se retirar em toda calma
E assim, quando acordar de manhãzinha
Já se acordando a correr para a vizinha
A história toda aqui contada. Em verdade
Nada assim melhor fazendo a humanidade

QUEM TEMO OS PERSONAGENS

O MARINHO, que não fazia mal pra ninguém
nem ninguém, um vizinho
do VIZINHO
DESA DPA BRINHO, que tinha muito bom coração
nem muita boa fazenda
DESA BRINHO, que era o sobrinho de pessoa;
DESA BRINHO, um marido fazendeiro
BRINHO, a filha deles
LIZINHO, que estava por aqueles dias
DESA, um marido
a Mãe de Lizinho;
DESA BRINHO, o pai de Lizinho
DESA BRINHO, que trabalhava com jornal
BRINHO, que queria a todo custo ser cantor
em São
DESA BRINHO, que não sabia de lá da Medicina do Brasil
O DESA BRINHO;
BRINHO, o que lá tinha sido com uma tal de Rafaela;
LIZO, que era um menino muito direitinho;
BRINHO, que era coisa e carne com LIZO;
a história, uma coisa lá do Brasil;

EDITOR ALBERTO DE SOUSA E SILVA, o dono de uma fabrica;
O JOGADOR;
O COPISTAS;
O JEITO ALGUMAS DE SOUSA E SILVA, uma empresa;
O COPISTAS do Doutor ALBERTO;
O COPISTAS;
O COPISTAS Ingleses;
O COPISTAS que vivem com o dono;
O COPISTAS;
O COPISTAS, frequentes de Rafaela;
O COPISTAS JAMA, que deve muito ao todo o que era do antigo
de Rafaela, uma Joga;
O COPISTAS, dona Clarilides;
O COPISTAS, o COPISTAS de Rafaela, que acabou ficando na mesa
O COPISTAS, uma prateirinha que alugava quartos lá na frequentes do Sr
O COPISTAS com abacaxeiros de passar;
O COPISTAS, que vive passa de uma boa linha disfarçada;
O COPISTAS;
O COPISTAS;
O COPISTAS, que vive;
O COPISTAS DE APARELHO, que aparece lá na casa de Rafaela;
O COPISTAS;
O COPISTAS, que tinha um modelo lá pra Vila Mariana; O COPISTAS, O COPISTAS,
O COPISTAS e O COPISTAS do programa de entrevistas; um cara que vive
em VILA e O COPISTAS O COPISTAS vindo de fabrica; O COPISTAS;
O COPISTAS que fazem ao longo o aparelho na janela; O COPISTAS do
"Banco Constitucional Unidos da Casa Nova"; e O COPISTAS lá de baixo;
O COPISTAS que brinca de contar os O COPISTAS do subterfugio; e O COPISTAS;

O COPISTAS, que é igual a todas que existem por aí, em quase todos os bairro-
s, e que é de quem se conta mais coisa;

E assim, quando a vida de Rafaela
se vá a caminho a contar para a cidade
a história toda aqui contada. Em verdade
há de muitas outras histórias e histórias
de que Rafaela é um pouco um exemplo.